Eça de Queirós por Fidelino de Figueiredo: sobre o "verdadeiro Eça" e outras controvérsias

Eça de Queirós by Fidelino de Figueiredo: about the "real Eça" and other controversies

Antonio Augusto Nery *
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Ao longo de sua atividade intelectual, Fidelino de Figueiredo (1888-1967) dedicou-se inúmeras vezes a analisar a obra de Eça de Queirós (1845-1900) sob diversas perspectivas. As reflexões críticas mais conhecidas sem dúvidas são as contidas em uma de suas obras de historiografia literária, *História da literatura realista* (1914). Meu interesse nesta reflexão, entretanto, é investigar uma coletânea de textos críticos publicada em 1945, por ocasião do Centenário de nascimento de Eça de Queirós, intitulada *"um pobre homem da Póvoa de Varzim..."*. Trata-se de um volume que congrega sete artigos escritos por Fidelino de Figueiredo, entre 1927 e 1939, publicados em jornais e livros no decorrer desse período. O objetivo deste trabalho é analisar a crítica veiculada nesses textos, buscando averiguar a maneira como Fidelino compreendeu a obra de Eça de Queirós, sobretudo a famigerada "diferença" crítica presente nos últimos textos do escritor quando comparados às produções ditas "tipicamente Realistas", como *O crime do Padre Amaro* (1875) e *O primo Basílio* (1878). Mesmo que as proposições de Fidelino possam ser consideradas controversas, elas são interessantes para pensarmos sobre o modo como alguns ensaístas leram a obra do romancista português de forma polarizada.

Palavras-chave: Eça de Queirós, Fidelino de Figueiredo, *"um pobre homem da Póvoa de Varzim..."*.

Abstract

Throughout his intellectual activity, Fidelino de Figueiredo (1888-1967) devoted himself numerous times to review the work of Eça de Queirós (1845-1900) from different perspectives. The best-known critical reflections are the ones contained in one of his works of literary history, *História da literatura realista* (1914). My interest in this reflection, however, is to analyse a collection of critical articles published in 1945, on the occasion of Eça de Queirós' Birth Centenary. It is the book "*um pobre homem da Póvoa de Varzim..."*, that brings together seven articles written by Fidelino de Figueiredo, between 1927 and 1939 and published in newspapers and books during this period. The aim of this study is to understand the critical conveyed in these texts, seeking to ascertain how Fidelino understood the work of Eça de Queirós, especially the supposed "difference" between the criticism present in the last writer's texts when compared to ones recognized as typically Realist, such as *O crime do Padre Amaro* (1875) e *O primo Basílio* (1878). Even being considered controversial, Fidelino´s propositions are interesting to think about how some essayists read the work of Eça de Queirós in polarized way.

Keywords: Eca de Queiros, Fidelino de Figueiredo, *"um pobre homem da Póvoa de Varzim..."*

● **Enviado em: 31/08/2016**
● **Aprovado em: 21/11/2016**

* Professor adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Paraná. E-mail: gutonery@hotmail.com

Dentre as várias leituras críticas feitas à obra de Eça Queirós (1845-1900), Fidelino de Figueiredo (1888-1967) publicou em 1945, por ocasião do centenário de nascimento de Eça, o volume *"...um pobre homem da Póvoa de Varzim..."*. Trata-se de uma coletânea de sete artigos, escritos e publicados pelo crítico em jornais e livros[1] entre 1927 e 1939.

O primeiro, o mais longo do volume, escrito em janeiro de 1939, intitula-se "A arte é estilo" (exemplo: Eça de Queirós), e é dividido em 5 partes (I - Heranças Nacionais, II - A conquista do estilo, III - A evolução do estilo, IV - Que é estilo e um Apêndice - Arte e realidade). Na sequência temos textos menores que se dedicam a um texto ou questão específica da obra queirosiana: "Eça de Queirós Inédito" (1927), sobre a publicação de manuscritos inéditos feita pelos herdeiros de Eça; "A Batalha do Caia" (1944), sobre o plano de trabalho da ficção homônima e sua relação com o conto "A Catástrofe"; "A americanofobia de Eça de Queirós" (1927), sobre (pré) conceitos do escritor português referentes aos Estados Unidos; "Eça de Queirós e Guilherme II" (1939), sobre uma crônica "profética" de Eça acerca do mandatário alemão; "Retratos de família" (1940), sobre a influência da obra de Fradique Mendes na geração de Fidelino e, por fim, "Portuguesismo do romancista" (1939), sobre a relação de Eça com Portugal e com a América.

O autor deixa claro que somente dois textos inéditos integram o volume, o artigo sobre o manuscrito de "A Batalha do Caia" e o próprio "Prólogo" (1944).

Diferente de um paratexto pontual, somente de apresentação dos textos que estavam por vir, percebe-se no Prólogo que Fidelino não se furta em deixar clara a verve crítica com que pretende analisar a obra completa de Eça de Queirós.

Um exemplo pode ser constatado quando o autor explicita que alguns de seus textos foram direcionados exclusivamente para o público brasileiro:

> Algumas dessas páginas foram escritas para o público irmão, do outro hemisfério da língua portuguesa – onde Eça é tão amado como neste nosso, amado sem reserva nem recalques. Eça de Queirós é que não estimou nem compreendeu a América. Era muito latino e muito afrancesado ou parisiense para abrir o seu espírito para o deslumbramento da civilização americana.[2]

---

1 No final do volume temos a seguinte explicação: "Nesta recopilação contêm-se alguns ensaios publicados antes em livros e organizações jornalísticas das seguintes firmas editoriais: A noite, S.A., Rio de Janeiro; Livraria Clássica Editora, Lisboa; Weisflog Irmãos, São Paulo; Diários Associados, Rio de Janeiro, São Paulo; Editorial Nobel, Lda., Coimbra. A todos, o autor e a Portugália Editora, Lda., apresentam os seus rendidos agradecimentos."

2 FIGUEIREDO, Fidelino. "...um pobre homem da Póvoa de Varzim...". Lisboa, Portugália Editora, 19--, p. 22.

Ou quando, ainda considerando a relação de Eça e a América, no ensaio "A americanofobia de Eça de Queirós", explicita que o escritor teria transportado para Fradique Mendes seus (pré) conceitos: "Eça de Queirós desadorava a América e teria transportado para o seu retratado essa antipatia constitucional"[3]. E é justamente com esse tipo de argumentação direta que, ainda no prólogo, Fidelino sintetiza o objetivo que tem com a coletânea, calcado nas duas principais ideias difundidas nos textos. Trata-se da análise da ficção queirosiana a partir da ideia de estilo e, *pari passu*, a defesa de que os textos de Eça não são retratos fiéis da realidade representada nas obras:

> De tudo que neste livro se recopila, desejaria que o leitor guardasse, principalmente, duas idéias capitais: a noção psicológica de estilo e a negação do carácter histórico da obra de Eça ou da sua função de espelho fiel da realidade portuguesa sua contemporânea.[4]

As duas ideias podem ser vislumbradas muito nitidamente no primeiro e maior texto do livro. Comecemos pela nítida intenção de Fidelino em desmitificar a concepção de que, por conta das descrições realistas, Eça seria uma espécie de testemunha fiel dos acontecimentos à sua volta. Na verdade, é constante ao longo de todos os textos, a reiteração de que a obra de um escritor, assim como de qualquer artista, não pode ser consumida sem a noção de representação: "Ler plenamente é impossível, tão impossível como viver a vida de outrem"[5]. Cabe mencionar, contudo, o não interesse de Fidelino em aprofundar conceitos como mimese e representação para tanto.

As diversas proposições acerca da negação da obra de Eça como espelho fiel da realidade, torna-se uma espécie de exemplificação da concepção de estilo, defendida por Fidelino no último subcapítulo do primeiro artigo e em seu apêndice "Arte e realidade:

> Um estilo é isto: uma visão simplificadora e deformadora do mundo e da vida. Um estilo literário é a expressão dum estilo de vida ou duma visão interpretativa. [...] Era assim que eu quisera que os leitores de sentido crítico se aproximassem da obra do escritor: não para a considerarem documento histórico duma sociedade, mas para a considerarem um valor estético, uma atitude de espírito, uma constituição artística, uma obra que nasceu da realidade, mas logo dela se desprendeu para formar uma supra-realidade autónoma.[6]

---

3 Ibidem, p. 158.
4 Ibidem, p. 24.
5 Ibidem, p. 25.
6 Ibidem, p. 59;70.

E fora justamente a maneira própria, singular e oscilante de lidar com a realidade e a fantasia, um "rodeio" nas palavras de Fidelino, que teriam tornado Eça profundamente português: "Este largo rodeio é que o torna profundamente português. Tôda a grande vida de um português de espírito universal é uma aventura para longe do rectangulosito pátrio, muito longe, mas com um retorno ansioso ao rectangulosito pátrio."[7].

Nesse sentido, ao longo da argumentação presente nos outros artigos e, especialmente, no último texto da coletânea, "Portuguesismo do romancista", há diversas assertivas que ponderam a ligação com a França e a literatura francesa como importantes elementos complicadores da maneira como o escritor leu não somente a realidade portuguesa, mas também a americana: "[...] Eça chegou aonde não chegou Flaubert: à interpretação do drama de um povo. Depois do caminho percorrido pelos seus mestres, achou o seu caminho português. Eça, era, contudo, mesmo passado esta fase de formação, um espírito muito afrancesado."[8]. No ensaio mencionado, as ponderações críticas vão mesmo no sentido de propor as ligações estreitas com a França como o motivo fundamental dos supostos preconceitos que Eça teria com Portugal e com a América

> Nas páginas que dedicou à morte de Flaubert, há uma emoção filial de reconhecimento. Mas isso foi também um mal, porque o impediu de ver para além da compreensão do espírito francês. Deve ser essa a origem da sua americanofobia. Os franceses ainda hoje não percebem a América; afigura-se-lhes uma refutação triunfal, demasiado triunfal do seu espírito. [...] Eça é dos poucos autores que podem deixar ao leitor a grata convicção de haver lido integralmente um texto, embora quem está dentro deste drama da arte literária muito bem saiba que êle não lera, antes, integralmente a realidade portuguesa, só tomara dela o que lhe cabia na sensibilidade limitada pelo arame farpado da sátira e de um racionalismo geométrico do tipo francês. Esta eloquência expressiva e esta simplicidade idiomática são bem do gôsto americano [9]

Como se lê na última frase da citação, a realidade lida e traduzida, representada a partir de uma mentalidade "francesa", seria a responsável pela boa recepção crítica da obra queirosiana em território americano, isso porque 4 elementos básicos presentes da ficção dialogariam exemplarmente com os interesses do público: "1º - O mesmo francesismo de mediana burguesia; 2º - A posição de sátira hiper-crítica ante a pátria; 3º - A simplicidade

7 Ibidem, p. 66.
8 Ibidem, p. 173.
9 Ibidem, p. 173; 180.

expressiva da sua linguagem literária; 4º - A peculiar forma portuguesa do espírito da universalidade"[10].

Para Fidelino, além do francesismo, da linguagem prosaica e da verve crítica de Eça ante a realidade, o público também se identificava com certo universalismo português presente na obra queirosiana. Esse universalismo é definido pelo crítico como "1º - A revelação, seguida de descontentamento e partida; 2º - A peregrinação da lama desquitada, através dos cenários exóticos ou pelo mundo das idéias ou pelos azedumes da irrequietação hiper-crítica; 3º A volta e a reconciliação"[11]. Assim, claro está que Fidelino de Figueiredo filia-se a diversas perspectivas críticas que dividem a obra de Eça entre o antes e o depois da reconciliação com Portugal, ou o antes e depois de obras como *A cidade e as serras* e *A ilustre casa de Ramires*. O trecho mais emblemático em que isso fica evidente pode ser encontrado nos parágrafos posteriores à citação acima, nos quais o autor traça algumas conclusões sobre o percurso literário de Eça, inferindo, inclusive, que nas obras "finais" há até mesmo a "superação" do francesismo:

> E partiu e andou por longas terras e por altas fantasias, e voltou um dia, depois de liquidadas as suas contas com a pátria, voltou em espírito pela emoção reconciliadora de *A cidade e as serras*, de muitas páginas da *Ilustre Casa de Ramires*, que subitamente se converte num retrato de Portugal, e no seu ensaio de repúdio do francesismo ou da galomania[12]

Tal perspectiva ficará ainda mais clara adiante, quando averiguaremos as visadas sobre as obras derradeiras do escritor.

E não é nesse ponto da coletânea que se percebe a tentativa de valorizar Portugal para além da crítica ácida e ferina destilada em grande parte da obra queirosiana. Já no final do apêndice do primeiro ensaio, vislumbramos a seguinte assertiva, após a consideração de que Eça distanciou-se, mas retornou ao "rectangulosito pátrio", citada anteriormente:

> Para fora da obra só poderemos concluir, a respeito do país, que muito era o seu nível mental, muito forte ainda a sua capacidade engendradora de "elites", porque ao mesmo tempo desentranhou em tão grandes escritores como Eça e os seus gloriosos companheiros.[13]

10 Ibidem, p. 176.
11 Ibidem, p. 185.
12 Ibidem, p. 188-189.
13 Ibidem, p. 75.

Mesmo que em algumas passagens da coletânea, percebamos a concordância do autor com os questionamentos de Eça dirigidos à realidade portuguesa, as proposições nunca são desenvolvidas sem alguma ressalva, sobretudo no que se refere ao modo como Eça lia a real situação do país. É assim que ao comentar o plano do enredo de "A Batalha do Caia", em artigo homônimo, Fidelino explicita que embora o projeto da ficção tenha sido motivado pela ideia de sacudir a realidade portuguesa[14], o plano do romance padeceria de um elemento negativo, que seria justamente a " [...] observação do ambiente, exagerado pelo artista na sua quietude marasmada e na sua pobreza"[15].

Ainda com relação ao plano de trabalho d'*A batalha do Caia*, vale a pena mencionarmos os motivos aventados por Fidelino para a não publicação do romance, pois, as hipóteses apresentadas deixam bastante evidente as concepções críticas tanto sobre a Geração de 70 quanto sobre a dependência econômica de Eça:

> *A Batalha do Caia* foi uma grande obra que viveu um momento intensamente no espírito de Eça e logo desabou por duas causas: o impudor hipercrítico dessa geração que não hesitava em tudo dizer e aventurar acerca da pátria; e o medo que se derivou da consciência dêsse mesmo excesso. Se êle tivesse sido homem de plena independência económica e do arcaboiço de um Antero ou de um Ramalho, a obra teria aparecido.[16]

É lembrando o quanto as questões econômicas nortearam a produção e, sobretudo, a publicação de alguns dos textos de Eça, que Fidelino, ao recorrer à resposta de Eça em carta aberta enviada a Pinheiro Chagas em 1880, avalia negativamente a "franqueza confundida com modéstia"[17]do escritor e retira o título de sua coletânea de textos: "Você é um poeta, um orador, um lutador – e eu sou apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim". A citação do trecho da carta aparece em nota de rodapé, juntamente com outros trechos epistolares reunidos por Fidelino para exemplificar a "franqueza confundida com modéstia" de Eça, sem considerar o teor altamente irônico que perpassa as diversas epístolas, especialmente a missiva pública direcionada a Chagas[18].

---

14 "Era necessário acordar com traumatismo impiedoso esse povo em letargo. E surgiu-lhe no espírito a ideia central do livro que havia de ser o instrumento do choque, e desenhou-se-lhe na imaginação todo o seu argumento, episódio a episódio, desde esse choque até o resgate da reacção" (Ibidem, p. 114.)

15 Ibidem, p. 122.

16 Ibidem, p. 125.

17 Ibidem, p. 129

18 O texto foi uma resposta de Eça a um artigo de Pinheiro Chagas publicado no jornal *O Atlântico*, em 14 de dezembro de 1880, no qual Chagas acusa o escritor de desancar Portugal ante o Brasil em texto jornalístico publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. A "resposta" de Eça a Pinheiro Chagas continuou a ser desenvolvida em outra carta publicada no próprio *O Atlântico*, em 28 de janeiro de 1881.

Voltando às reflexões que compõem a primeira parte do volume e que tratam especialmente das características do estilo queirosiano, Fidelino tenta deixar claro que entende a produção de Eça como tributária de valores românticos, provenientes de autores como Alexandre Herculano (1810-1877) e Almeida Garret (1799-1854), no que concerne à veiculação de questões políticas, e Júlio Dinis (1839-1871), no que se refere à crítica voltada a aspectos burgueses da sociedade. A ideia geral é de que o Romantismo português criou alguns valores que se perpetuaram na geração posterior, a qual Eça pertenceu[19], entre eles, a grande estima pelo gênero romance, a discussão de temas nacionais, e a crítica voltada à historiografia portuguesa e à influência de algumas instituições, como a Igreja Católica, na vida pública do país.

Logo na sequência dessas ponderações, temos a ideia básica sobre a produção do escritor que perpassa todos os outros artigos do livro, e que, de fato, constitui algo singular e bastante considerável na análise crítica de Fidelino de Figueiredo, quando pensamos nas proposições que se cristalizaram em torno da produção completa de Eça de Queirós neste contexto do centenário, presentes, por exemplo, no *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, organizado por Lucia Miguel Pereira. Para ele, Eça não teria atingido a plenitude estilística em obras como *O crime do Padre Amaro* (1875) ou *O primo Basílio* (1878), mas nas obras da denominada última fase de escrita:

> [...] a carreira literária de Eça de Queirós e a procura ansiosa de um estilo, até culminar em obras primas como *José Matias* e *Suave Milagre* no conto, *A Ilustre Casa de Ramires*, no romance, *Um génio que era um santo* no ensaio crítico repassado de emoção e as *Lendas de santos*, nessa hagiografia de intenção ainda meio misteriosa. [...] Trinta e três anos que não foram mais do que a conquista de um estilo, de uma pessoal maneira de exprimir com relevo o que a sua fina sensibilidade percebia e o seu penetrante dom de observação plástica conseguia ver e desdobrar nos seus <<quadros principais>>[20]

E talvez tal conclusão se dê porque o interesse de Fidelino parece não residir sobre as obras tidas como magistrais no trato com a realidade por veicularem uma crítica social arguta ou, nas palavras do crítico, que eram uma "reprodução perfeita e duradoura da superfície"[21], mas sim sobre os escritos que aparentemente detinham certa "profundidade da análise"[22] pela qual Eça não seria seduzido.

---

19 Ibidem, p. 34.
20 Ibidem, p. 43.
21 Ibidem, p. 43.
22 Ibidem, p. 43.

Assim, mesmo ponderando que o escritor teria a "máxima simplicidade em resultado, em laborioso resultado, com a máxima expressão"[23], Fidelino faz a seguinte ponderação na conclusão das reflexões contidas no trecho maior citado anteriormente:

> Digo <<quadros principais>> e não tôdas as peças>>, porque Eça não é génio de análise. Analisar é decompor a realidade nos seus elementos constitutivos: o que Eça faz é um desdobramento da realidade para nos mostrar a sua íntegra superfície, não a sua rica profundidade.[24]

Para o crítico, o princípio norteador que guiou Eça na sua produção foi uma concepção estética muito objetiva: "a arte é a luta pela expressão"[25] e tal concepção poderia ser constatada em um crescendo, tendo como apogeu as já mencionadas derradeiras obras, principalmente os contos, que seriam exemplo maior desse princípio norteador:

> A acção de Eça de Queirós na nossa história literária é principalmente a reforma da língua portuguesa como instrumento de expressão e o haver erguido uma sólida obra sobre essa fundamental concepção estética: a arte é a luta pela expressão. Foi o que fêz desde as *Prosas bárbaras*, momento de confusão criadora, até às *Lendas de santos*, que são já o exagero e o declínio dessa maneira artística, havendo passado pelos *Contos*, que são por certo o seu apogeu.[26]

E já em uma clara opção por algumas obras produzidas na última década da vida do escritor, Fidelino propõe que as obras consagradoras de Eça não podem ser tidas como representativas do "verdadeiro Eça", justamente porque são típicas de um "levita da arte realista"[27] que, em obras vindouras, compensaria a observação realista por uma

> [...] elevação do ponto de vista. E esta elevação vai amortecendo os pormenores, desconcretizando o campo dessa observação; já que se não identificam os lugares, já se não datam os acontecimentos, os entrechos sobem em significado humano e esbatem-se em vaguidade. Em breve a sua arte é quási inespacial e intemporal. Na *Relíquia* ergue-se a Paixão; na *Ilustre Casa de Ramires*, no *Mandarim*, nos episódios implícitos na *Correspondência de Fradique Mendes* e nos incomparáveis *Contos*, o escritor sacrifica a uma beleza ideal, sem preocupações de fidelidade

23 Ibidem, p. 42.
24 Ibidem, p. 42.
25 Ibidem, p. 46.
26 Ibidem, p. 46.
27 Ibidem, p. 50.

> até cair nas *Lendas de santos*, aerides suspensas, que são o exagero mortífero da sua maneira.[28]

Lembrando que nessa gradação não temos mencionado *Os maias* (1888), justamente a obra que poderia complicar a classificação escolhida pelo crítico, sobretudo no que se refere à ideia de arte inespacial e intemporal produzida no período. E considerando ainda essa perspectiva, não há qualquer análise mais profunda das obras explicitadas para defender as proposições, aprofundamento que também poderia problematizar a argumentação. Cito como exemplos rápidos de desenvolvimento espacial e temporal em algumas das narrativas citadas, o contexto da vida de Teodorico Raposo, antes e após do sonho, em *A relíquia* (1887), e as peripécias do amanuense e depois rico Teodoro na sociedade hipócrita lisboeta em *O Mandarim* (1880). Enfim, Fidelino de Figueiredo muito argutamente não investe nos problemas evidentes que poderia arranjar para si e expõe rapidamente o seguinte corolário:

> É que o verdadeiro Eça não era o romancista de emoção violenta do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Basílio*, era o artista refinado da expressão perfeita e da emoção subtil, que deixa na alma uma vibração duradoura e promotora de serenidade e compreensão. O verdadeiro Eça, na hora da sua madurez, está íntegro no *José Mathias*, sátira profunda e comovente do idealismo extreme, erguido com indulgência a doença do carácter; e esta também no *Suave milagre*, obra prima da visão piedosa e de expressão, em que a prosa chega a ter espontâneos ritmos de poesia. Êste Eça, empapado de experiência em simpatia e de indulgência, senhor de um estilo verbal inexcedível no poder de transmitir uma visão e uma vibração, rico de vida profunda e universal, é que representa a plenitude do artista, que venceu as mordacidades do satírico, as facécias do boêmio e a cuscuvilhice das alcovas de acaso. Mas esse equilíbrio foi um momento, o momento dos contos e de alguns ensaios.[29]

Nessa perspectiva, os episódios do sonho d´*A relíquia* e do romance histórico de Gonçalo em *A ilustre casa de Ramires* (1900) seriam testemunhas de Eça "[...] cedendo a um invencível pendor do seu espírito para a literatura fantástica, para zonas em que podia soltar a sua obsessão da expressão perfeita e livre das limitações da observação"[30].

Tal pendor é bastante valorizado pelo crítico também quando reflete sobre certa tendência moral presente nos escritos queirosianos que transcenderia a mera crítica destrutiva. Para ele, seria como prever valores morais e éticos presentes em indivíduos cometedores de supostos "erros" de conduta. Isso é claro no artigo no qual Fidelino considera pertinente a publicação dos manuscritos inéditos de *A capital*, *O conde de Abranhos* e *Alves e*

28 Ibidem, p. 50-51.
29 Ibidem, p. 51;53-54.
30 Ibidem, p. 52.

Cia, levada à cabo pelos familiares de Eça, em 1925. Entre a defesa da publicação e o desacordo com o fato de os herdeiros terem feito alterações nos originais, há a demarcação da suposta "evolução literária"[31] constatada na obra queirosiana:

> Eça lembra-nos certas mulheres que caem e rolam de perdição em perdição, mas logram defender a castidade da sua alma, também o burlador do *Padre Amaro*, do *Primo Basílio*, dos *Maias*, da *Relíquia* conservou sempre, no convívio dessa multidão de medíocres e gafados, que são as personagens da sua obra, o respeito dos valores morais, a fé na virtude e no verdadeiro amor, no trabalho são e na felicidade simples, e a chama imorredoura do patriotismo construtivo de futuro não declamatório de passadismos. E tudo isso achamos agora de novo nalguns dos seus manuscritos.[32]

A citação acima, por mais controversa que soe, é muito simbólica para compreendermos a tentativa de Fidelino de Figueiredo em "depurar" a obra completa de Eça de Queirós. Ou seja, a intensão de nitidamente tentar desvelar um outro Eça, positivo, moral, ético, que valoriza tradições e o próprio país, a partir dos últimos textos. Tanto isso é verdade que ainda no artigo citado acima, considerando obras como *A cidade e as serras* e *A Ilustre casa de Ramires*, bem como o processo de "gloriosa ascensão" do "nobilíssimo espírito" de Eça, temos uma espécie de previsão acerca dos futuros textos do escritor, caso ele não tivesse morrido:

> É bem sabido que Eça não se confinou sempre nessa demolição pelo humorismo impiedoso. Quando morreu, o seu nobilíssimo espírito ia ainda em gloriosa ascensão. Transpusera as fronteiras de sua pequena pátria, à busca de nova paisagem e novos e mais humanos temas, reconhecera as belezas de superiores da inspiração religiosa, tornara-se apaixonado hagiógrafo e voltava os olhos já saudosos para a sua terra portuguesa nessa obra enternecida de *A cidade e as serras*. Em vez de só caricaturar, propunha soluções e alvitres, interpretava e discutia a mórbida vida portuguesa, defendia o trabalho construtivo com aquele Gonçalo Mendes Ramires da *Ilustre casa de Ramires*, que, um dia, num arranco, no fundo de si, descobre todo um opulento armazém de energias e sai dos <<mentideiros>> da vilória para a África, a lutar e vencer. Proclama que só nos é proveitoso e reparador o pão dia a dia ganho com o suor do nosso rosto, no *Mandarim*; cantava a terra e as suas fecundidades adormecidas, à espera do braço promotor dum Jacinto, entediado de urbanismo; sorria com indulgência para as próprias puerilidades do idealismo extreme, que satirizava. E Deus sabe que outros caminhos trilharia ainda![33]

31 Ibidem, p. 81.
32 Ibidem, p. 83.
33 Ibidem, p. 80-81

Ou seja, a morte seria como uma espécie de impedimento para a continuação do processo de ascensão e constituição do "verdadeiro Eça" proposto anteriormente e agora melhor caracterizado como virtuoso, propositivo, condescendente e outras características mais depreendidas das reflexões. Segundo Figueiredo, com os textos derradeiros, a obra do escritor demonstrava ter evoluído, inclusive no que se refere à representação da realidade: "O próprio Eça percorreu tão ascendente carreira desde as suas obras de crónica da vida lisboeta que estes seus romances são vozes antigas, que perderam muito do seu prestígio e desencantamento."[34]. Note-se que o crítico não faz nenhuma condescendência com relação à nenhuma obra que tenha como pano de fundo a vida social lisboeta. De tal maneira que alguns dos romances mais famosos do escritor, consagrados no contexto de publicação, na altura em que o ensaísta publica seu texto e hoje, são todos entendidos como "vozes antigas, que perderam muito do seu prestígio".

Ainda na análise dos inéditos publicados pelos familiares de Eça, vale a pena explicitar a deferência dada pelo crítico à correspondência do escritor, textos nos quais estariam conjugados diversos qualitativos que ele julga importantes para se entender a produção queirosiana. Os textos da *Correspondência* somente não seriam mais simbólicos do que a *Correspondência de Fradique Mendes*, obra na qual encontraríamos congregado de maneira exemplar o *idearium* de Eça:

> Quem quiser encontrar os mais comovedores sinais da sua delicadeza vibrátil, da sua nobre concepção de amizade como culto, do seu ansioso amor da acção útil, da sua graça alada e bondosa, do seu patriotismo e do seu sentido crítico, deve ler a *Correspondência* [...] As cartas não constituem o *idearium* de Eça, que está verdadeiramente diluído pela sua obra, principalmente condensado na *Correspondência de Fradique Mendes*, mas dão bom quinhão dos sentimentos do romancista.[35]

Ao conceber *idearium*, Fidelino dá grande importância aos sentimentos do escritor, e, ao final do artigo, eles são retomados na advertência feita ao leitor dos textos epistolares de Eça sobre o fato de que as cartas devem ser estimadas justamente pelo que têm de sentimentos e não pela crítica caustica à realidade portuguesa

> É bom que o leitor estime essa correspondência pelo que revela da alma delicada, serena, afectuosa e indulgente do romancista glorioso, mas

[34] Ibidem, p. 87.
[35] Ibidem, p. 99.

> necessário será também que se defenda desta má lição de passadismo nostálgico, especialmente perigosa por vir dum grande mestre.[36]

De fato, a partir de algumas proposições da coletânea, concluímos que os sentimentos, emoções e virtuosidades somente poderiam ser constatadas em obras específicas, particularmente aquelas, já mencionadas, escritas nas últimas décadas de vida de Eça. Quando elucubra sobre as possíveis causas de *A batalha do Caia* não ter vindo à lume, Fidelino explicita, inclusive, que fora justamente a adesão aos princípios da estética realista, percebidas em obras emblemáticas, o motivo para Eça não ter levado a cabo a conclusão do projeto e ter tolhido o romance. O enredo para *A batalha...*, somente poderia ser concluído se o escritor tivesse tido tempo de aprimorar o "estilo" demonstrado em obras como os contos ou os romances *A cidade e as serras* e *A ilustre casa de Ramires*. Assim, sem nenhuma dúvida, conclui-se que o "verdadeiro Eça" de Fidelino é aquele "maduro", das produções dos anos 80 e 90 do século XIX e, claramente, o das obras não escritas por conta da morte.

> A sua sensibilidade profunda podia adivinhar tudo aquilo [os acontecimentos previstos no projeto de enredo de *A batalha do Caia*], mas a sua arte não o saberia dizer, porque para uma tal obra requeriam-se outros meios de expressão, outro estilo – estilo na minha acepção – jamais o realismo fotográfico, a reportagem flagrante, localizada e datada. A concepção do projecto significa já uma fuga ou um protesto contra os cânones do realismo e uma afirmação de alto pensamento, daquele suave simbolismo das últimas obras, da época da plenitude espiritual, aquêle alto sonho de bondade e inteligência ao serviço do gênero humano, que Gonçalo Mendes Ramires sonha no alto da sua Tôrre, a ver os foguetes lucidar ao longe, na noite da sua fácil vitória política. Só o Eça do *Suave Milagre* e de *José Matias* poderia realizar tal obra, quando a sua ironia perdera violência e se adoçara pela piedade, como queria Anatole [...] só a elevação espiritual de um Eça cincoentenário, já senhor do seu estilo de vida, aquêle que expressou na *Ilustre casa de Ramires* e em *A cidade e as serras*, chegaria ao simbolismo de uma tal obra. E porque veio antes do tempo, perdeu-se uma grande obra que poderia ter sido uma bíblia guiadora dos nacionalismos, que vieram depois. [37]

Se considerarmos que o artigo do qual extraímos a citação acima, "A batalha do Caia", foi escrito em 1944, sendo o mais tardio dos textos presentes na coletânea[38], inferimos que ao menos entre o período de escrita dos textos presentes em *"...um pobre homem da Póvoa de Varzim..."*, 1927 a 1944, Fidelino não modifica seu posicionamento com relação à valorização dos últimos textos escritos por Eça em detrimento de outros.

---

36 Ibidem, p. 103
37 Ibidem, p. 131-133.
38 Lembrando que no final do último ensaio da coletânea "Portuguesismo do romancista", consta a informação de que o texto foi escrito em 1939 e revisto em 1945.

Cabe mencionar, no entanto, que nem todos os textos derradeiros de Eça são valorizados pelo crítico, pois, mesmo elegendo Eça como o "narrador incomparável das hagiografias"[39], as *Lendas de santos* representariam a perda do "lastro de realidade ou de pensamento"[40], constituindo-se uma "filigrana vazia, ainda que de precioso lavor"[41]. Ou seja, as histórias de Gil, Cristóvão e Onofre teriam problemas porque lidariam de modo exagerado com a matéria mística, de fantasia e de significado amplo, sendo pouco conectadas com a realidade observada e exprimida. Dessa forma, o exagero é o que se constitui o problema e faz com que a análise proposta por Fidelino para *As lendas de santos* se distancie de uma visada positiva sobre os textos, que, pelo visto, devia estar sendo muito veiculada no contexto de produção do ensaio: "Energúmenos da eçolatria têm até injuriado os que não partilham do entusiasmo deles, também um pouco bárbaro, por essas derradeiras páginas do romancista"[42].

À guisa de conclusão, afirmo: mesmo que as reflexões de Fidelino em *"...um pobre homem da Póvoa de Varzim..."* possam ser consideradas controversas por alguns, elas são interessantes para pensarmos sobre a problematização de assertivas apressadas e extremistas que não conseguem perceber as limitações e oscilações presentes na obra do romancista português e que, por isso mesmo - e não o contrário -, o fazem um dos maiores nomes das Literaturas em Língua portuguesa.

39 Ibidem, p. 131-133.
40 Ibidem, p. 39.
41 Ibidem, p. 56.
42 Ibidem, p. 55.